

Capítulo 8: Brincadeiras e liberdade

*O brinquedo é a primeira iniciação da criança na arte,
ou melhor, é o primeiro exemplo concreto de arte.*

— *Charles Baudelaire, A Filosofia dos Brinquedos*

*É exatamente através dos ritmos da brincadeira que,
pela primeira vez, nos tornamos mestres de nós mesmos.*

— *Walter Benjamin*

Assim como os filósofos estoicos e epicuristas da Grécia e Roma antigas, pensadores de comunidades indígenas e afro-brasileiras dedicam imenso esforço a refletir sobre como uma pessoa pode se tornar mestra de si mesma. “Se você não aprender a tomar decisões por si mesmo, alguém as tomará por você” é um refrão que se ouve de muitos pais e mães, mas também de professores de capoeira, música e outras atividades que misturam cultura e autodisciplina.

Esse refrão, no entanto, mostra as diferenças entre os estoicos e os educadores afro-brasileiros. Embora alguns estoicos tenham discutido o contexto da escravidão em que viveram — Epicteto foi de fato escravizado durante parte de sua vida —, em geral, eles concebiam o autocontrole em oposição às suas paixões: para eles, a autodisciplina era a força pela qual a racionalidade podia superar os desejos venais.

Em contraste, filósofos e movimentos sociais latino-americanos consideram a opressão política e econômica — e não as paixões — como o maior perigo para o autocontrole. Em um país fundado no genocídio dos povos indígenas e na escravidão — onde a autoridade de donos de fábricas, da polícia, dos militares e do clero ainda exerce um poder terrível — a questão fundamental passa a ser como as pessoas podem se tornar donas de si mesmas e não escravas de outros.

No pensamento social latino-americano, a palavra que expressa esse objetivo é protagonismo. O *protagonista* se opõe à vítima: é uma pessoa capaz de agir por si mesma, que não é comandada por outrem. A palavra é conscientemente emprestada do teatro: protagonista (πρωταγωνιστής) vem do grego para “Primeiro Ator”, mas com a raiz *agon* (disputa ou luta) insistindo no conflito implícito em qualquer relação social. Na década de 1960, o conceito de protagonismo foi explicitamente encenado em termos políticos: como o proletariado (ou mulheres, negros, indígenas ou populações rurais sem-terra, etc.) poderia escapar de ser vítima do conflito de classes e chegar a controlar seus próprios destinos? Nos últimos anos, à medida que os

movimentos sociais perceberam que mesmo as classes privilegiadas do capitalismo têm pouquíssimas escolhas reais em suas vidas, o conceito passou a abranger quase todos: como podemos nos tornar mestres de nós mesmos, em vez de escravos da publicidade, das normas sociais ou dos memes da internet?

De acordo com muitos dos pensadores afro-brasileiros e indígenas que participaram do projeto Diversas, o brincar é um ótimo ponto de partida.

Testando quem eu posso ser

Ao longo dos últimos capítulos, vimos como a brincadeira pode tornar o “eu” flexível: a criança que interpreta todos os personagens em uma festa de brinquedos compreende que é capaz de ver — ou pelo menos tentar ver — o mundo através de muitas perspectivas diferentes. A brincadeira também oferece a oportunidade de testar diferentes formas de identidade, explorando gênero, ética, classe social e até mesmo espécie.

Começamos pela boneca mais polêmica de todas: a Barbie. Por mais que muitos mãe e pais feministas ou progressistas tentem manter suas filhas longe das Barbies, não terão sucesso: as bonecas são onipresentes em casas e escolas, um presente constante de tios, tias e amigos. No entanto, passei a ter uma visão mais tranquila sobre a Barbie quando comecei a observar como Helena brincava com elas. Sim, ela costurava roupas para elas, as vestia, fazia com que conversassem entre si sobre coisas importantes para uma menina de seis anos... mas, principalmente, ela as posicionava em poses elaboradas para a capoeira.

Helena começou a aprender capoeira ainda criança, juntando-se a um grupo de crianças mais velhas na sua escola. Ela aprendeu a ginga básica, sabia como manter o olhar fixo no do outro e aprendeu a tocar pandeiro e outros instrumentos muito rapidamente. A parte atlética da capoeira — as paradas de cabeça, os giros, os equilíbrios e os movimentos de força — levou muito mais tempo, e ela passava horas todos os dias no chão da sala de estar, tentando dominar sozinha o aú, a meia-lua, a esquiva, a boca de siri e as paradas de cabeça. Ela simplesmente amava o jogo da capoeira e tinha orgulho do seu talento.

A roda de capoeira que Helena frequentava tinha quase tantas meninas quanto meninos, mas ela entendia que, tradicionalmente, o esporte é associado ao masculino no Brasil. Quando observamos os grupos de capoeira mais famosos e atléticos em nossas viagens ao nordeste brasileiro, eles eram compostos principalmente por meninos e jovens. A brincadeira de Helena com suas Barbies era uma tentativa de compreender o que significava ser menina nesse mundo. Será que a Barbie tinha o corpo necessário para praticar capoeira? Ela conseguiria se contorcer para executar os movimentos? A boneca estava preparada para os giros e chutes acrobáticos? Uma menininha loira poderia se orgulhar de suas habilidades em uma atividade estereotipicamente praticada por jovens negros? A brincadeira de Helena com suas Barbies era, na verdade, um experimento sobre gênero e identidade. Para as crianças, os brinquedos podem ser ferramentas para experimentos em sua própria ciência social.

Quando ajudamos uma pré-escola na zona rural do sul da ilha a fazer um Boi de Mamão para que as crianças pudessem brincar com esse ritual tradicional, ficamos fascinados ao ver um processo semelhante acontecer. Quando as crianças vestiam os bonecos para brincar de touro, tucano, vaqueiro, curandeiro ou

bernunça, elas podiam experimentar diferentes facetas de si mesmas, esconder outras e até se transformar em algo completamente diferente. A pequena Lila, uma menina tímida de dois anos, se transformou em uma cabra ousada e, às vezes, combativa. Um menino de quatro anos aprendeu a laçar só para poder interpretar o papel de vaqueiro. Uma menina evangélica tímida se tornou a curandeira. Elas podiam testar novas versões de si mesmas através das fantasias que usavam.

Dinah Silva, professora de uma das turmas da pré-escola, considera brincar de Boi de Mamão um dos elementos mais essenciais da educação.

Acredito que o senso de magia deve ser parte integrante da educação infantil. Tomemos como exemplo a tradição do Boi — usarei Bento [um aluno de quatro anos da turma] como ilustração, porque Bento realmente incorpora o papel. Ele veste a fantasia de Boi e sacode o corpo todo. Deita-se e escuta atentamente. Quando a música toca a parte em que o Boi morre, ele deita-se e permanece ali, perfeitamente imóvel. Se você incutir esse tipo de sentimento neles — essa sensação de conexão em que "eu sinto e eles também sentem" — o papel se torna algo que eles podem realmente habitar. No entanto, ao mesmo tempo, permanece mágico: quando ele sai do papel, ele é simplesmente Bento novamente; quando a menina se afasta do personagem da benzedeira, ela é simplesmente Ana Luz. Mas enquanto eles estão no personagem, é exatamente isso que eles são. No momento em que ele veste a fantasia, o Boi ganha vida; Ele é um personagem, sim, mas está verdadeiramente vivo naquele instante — no momento em que chega, vestindo a fantasia, o Boi veio visitá-lo.

A maioria dos atores entende exatamente esse sentimento, a maneira como interpretar um personagem permite que você seja você mesmo de uma forma que jamais seria possível na "vida real". A máscara possibilita honestidade e exploração de uma forma que, de outra maneira, teríamos medo de fazer.¹

A brincadeira também ensina o autodomínio de uma forma diferente, não tanto na *exploração* do que eu posso ser, mas na *compreensão*. Que tipo de jogos posso jogar? Em capítulos anteriores, mostrei como o conceito de jogo de linguagem de Wittgenstein pode ser adaptado a diferentes tipos de jogos sociais. Agora, gostaria de sugerir que, à medida que crianças (e adultos) aprendem a jogar cada vez mais tipos de jogos sociais, sua capacidade de autocontrole melhora — assim como sua capacidade de se relacionar com os outros de maneiras novas e inesperadas.

Quando minha filha tinha cerca de sete meses, visitamos os avós dela em uma pequena cidade no interior. Lá, Helena teve bastante tempo para brincar com os primos, principalmente com Luidi (com cinco anos) e Henrique (que estava quase fazendo quatro). Nessa época, Helena sabia apenas alguns jogos que ela gostava de brincar com seus brinquedos: Ela gostava de colocá-los na boca, gostava de brincar de esconde-esconde e gostava de brincar de derrubá-los ... mas uma criança de quatro ou cinco anos sabe muito mais variedade de jogos maior do que uma menina de sete meses.

Luidi levou seus carrinhos de brinquedo para a casa da vovó. Helena queria brincar com eles mordendo-os e depois jogando-os no chão. Luidi, um menino extremamente paciente, sentou-se ao lado dela no chão e disse: "O que fazemos é o seguinte:" e empurrou o carrinho sobre os azulejos, dizendo "zoom, zoom". Helena

¹ Nicole Kidman e Zendaya têm uma excelente conversa exatamente sobre esse tema na série "Actors on Actors" da Variety . <https://www.youtube.com/watch?v=47-qd6OG1CA>

olhou para ele de um jeito estranho, como quem diz: "Por que você não está colocando os carrinhos na boca?"

"Os carros também podem falar", continuou Luidi, e encenou uma cena do filme *Carros*. Helena achou a encenação fascinante e tirou os outros carros da boca por tempo suficiente para observar, e depois para movê-los para frente e para trás como os carros falantes de Luidi.

Quer possamos atribuir isso a Luidi ou simplesmente ao processo normal de desenvolvimento, ao longo do mês e meio seguinte, Helena passou a empurrar seu pequeno caminhãozinho de brinquedo pelo chão e a imitar uma espécie de conversa entre ele e seus fantoches de dedo (especialmente o macaco, o tucano e a girafa, seus favoritos) antes de colocar o caminhão na boca para coçar as gengivas. A lição de Luidi abriu novas possibilidades para o mundo de Helena, novas maneiras de interagir com os objetos nele. Ela aprendeu novos jogos.

Vários meses depois, quando fomos à casa dos pais de Luidi para o aniversário do menino, algo igualmente significativo aconteceu. Luidi e alguns amigos estavam brincando com peças de encaixe de um brinquedo de montar, e Helena sentou-se no meio deles, pegando uma peça e depois outra. Vários dos outros meninos pegaram as peças espalhadas por Helena para construir suas próprias estruturas, mas Luidi os impediu. Ele revolveu as peças para ela: "Estas são de Helena", disse ele aos amigos.

Os jogos seguem regras e, dentro de cada jogo específico, nossa liberdade é limitada de certas maneiras: você não pode pegar uma bola de futebol nas mãos e carregá-la; geralmente há uma área fora de campo em qualquer jogo de pega-pega ou esconde-esconde. Mas um limite ainda maior à nossa liberdade, creio eu, é nos permitirmos ficar presos a um único jogo: o de um adolescente que só consegue discutir com os pais e não conhece outra forma de se relacionar. A menina ou o menino que pensa que as regras da moda são obrigatórias o tempo todo. O empresário que conhece todas as regras do jogo em seu negócio (inclusive as regras sobre quando pode infringi-las impunemente), mas nunca sai do jogo para questionar se o que está fazendo é correto.

Luidi ensinou duas lições importantes para Helena: primeiro, que ela podia escolher qual brincadeira ela queria brincar. E segundo, que nem todas as brincadeiras são egoístas e competitivas: as brincadeiras também podem ser sobre ajudar os outros e fazê-los felizes. E à medida que Helena aprendia essas lições, mais opções se abriam para ela. Ela se tornou um pouco mais livre e um pouco mais no controle de si mesma.

Esse processo também permite uma espécie de exploração moral do eu, uma oportunidade de ver o que eu sentiria ou como os outros reagiriam se eu fizesse certas coisas. Quando Helena tinha três anos, ela adorava brincar com uma bonequinha de pano. Era uma pequena figura zapatista, apenas braços, pernas, cabeça, olhos e uma máscara do Subcomandante Marcos. Rita havia comprado a boneca quando estávamos no México, antes de Helena nascer. O bebê fez parte de um par: há também uma boneca que representa a mamãe, com sua própria máscara. Antes, elas foram costuradas juntas, mas, como acontece com bebês curiosos, Helena as separou.

Naquele dia em particular, Helena encontrou o bebê sem a mãe, e uma expressão preocupada surgiu em seu rosto. Ela começou a dizer: "Mamãe? Mamãe?", mas não com o tom de voz que ela costumava usar para chamar a própria mãe. Ela estava dando voz ao lamento da boneca por não conseguir encontrar *sua* mãe. Helena caminhou pela sala, procurando na caixa de brinquedos, no sofá e em outros lugares onde a boneca da mamãe pudesse estar. Helena só voltou a sorrir quando encontrou a outra boneca — o que fez a boneca bebê dançar de alegria.

Naquela peça, Helena estava testando a empatia — ela estava aprendendo a sentir as emoções de outro ser, ainda que seja uma boneca de lã preta e vermelha. Empatia e compaixão podem ser experiências assustadoras: trazemos a dor e a ansiedade de outra pessoa para dentro de nós, permitindo que a emoção se torne transpessoal. Ao vivenciar essa virtude perigosa através da dor imaginada de uma boneca — e depois a alegria de encontrar a mãe da boneca — Helena poderia encontrar as habilidades e a força para se relacionar eticamente com outro ser que sofria.

Brincar e ter coragem

No início de qualquer encontro entre grupos de crianças de diferentes culturas ou classes sociais, elas frequentemente falam sobre o quão assustador é conhecer o outro. "O que eles vão pensar de mim?" "Como eles vão me julgar?" "Será que eles vão gostar de mim?" E implicitamente — embora as crianças raramente expressem isso claramente — "O que eu vou aprender sobre mim mesmo nesse processo?"

"Crianças como eles desprezam crianças como nós", disse Erik, um garoto muito inteligente da favela — isso foi antes de ele conhecer as crianças da classe média alta em *O Outro Lado do Outro*. Lígia, uma garota loira e sensível do outro lado da divisão sociocultural, temia ser odiada porque seus pais tinham dinheiro. Ela entendia que seu privilégio e o sofrimento das crianças da favela estavam conectados, mas não sabia exatamente como.

Ao longo das duas semanas seguintes, crianças da favela brincaram de viver em um condomínio de luxo, e crianças do condomínio brincaram de viver na favela, usando elementos de seus próprios mundos que consideravam mais próximos da realidade do outro grupo. A brincadeira serviu de base para um roteiro, depois para personagens e, finalmente, para um filme que cada grupo produziu, retratando como imaginavam a vida do outro. Em seguida, cada grupo assistiu ao filme produzido pelo outro e discutiu o que parecia certo e errado na representação.

Enquanto as crianças do bairro de classe média alta embarcavam na van que as levaria à favela para um dia de brincadeiras, a tensão era palpável. Elas haviam imaginado a favela e as crianças que ali viviam; haviam "conhecido" as crianças através da tela de um cinema. Mas o que aquelas outras crianças realmente pensariam? Na favela, alguns 25 crianças vivenciavam a mesma experiência de ansiedade e incerteza — até mesmo medo. Elas vinham se preparando há quase um mês para esse encontro com crianças do outro lado do muro imaginário que dividia sua cidade: como seria o resultado? Eu estava com a equipe de filmagem na favela; Rita estava com a outra equipe na van. Nós dois estávamos tão ansiosos quanto as crianças: esse encontro — e o documentário para o qual ele seria o clímax — poderia se transformar em algo muito positivo ou em um desastre.

A van que transportava as crianças da classe média alta parou na rua principal da favela: ao descenderem, as crianças puderam ver vários dos locais onde o filme que feito pelas crianças da favela havia sido filmado. Elas caminharam pela favela da Cidade de Deus em direção ao parque onde as outras crianças esperavam. Conforme o grupo visitante se aproximava, cada grupo se aglomerava cada vez mais, como se buscassem segurança na proximidade.

Por um instante, os dois grupos se encararam em silêncio, uma tensão nervosa fluindo livremente de um lado para o outro. De repente, Nicole — de 12 anos e líder nata entre as crianças da favela — reconheceu um dos meninos da classe média por seu papel no filme. “Você é o vilão!”, ela riu antes de abraçar o menino. “Eu adorei essa parte do filme! Você estava ótimo!” E, de repente, os dois grupos se uniram, abraçando-se, rindo e se dividindo em grupos menores e mistos para jogar os diversos jogos que as crianças da favela haviam preparado para ensinar aos seus colegas do outro lado da cidade. Ao brincarem de ser o outro — inclusive o vilão! — as crianças aprenderam a coragem necessária para encontrar e acolher o outro de verdade.

Para Dinah Silva, a professora de pré-escola que ajudou a criar o primeiro Boi de Mamã para crianças pequenas em Florianópolis, brincar no Boi de Mamã ajuda as crianças a superar o medo de duas maneiras. Primeiro, vestindo a fantasia de algo que as assusta, mas também pela forma como essa brincadeira coletiva as une e desenvolve uma rede de apoio na qual podem confiar para lidar com o medo.

Quando você joga assim, você experimenta vários eus, várias possibilidades de encarnação, não apenas de representação ... mas também de se sentirem parte de algo, certo? Como você acha que isso os ajuda a compreender a própria vida, a existência, o início da vida e, você sabe, as partes difíceis como a morte, como o medo, certo?

Nesse mesmo projeto de ajudar os alunos de escolas diversas construíram Bois de Mamã, crianças dos bairros de Armação e Pântano do Sul nos contaram sobre alguns de seus medos mais paralisantes.

Gabrielle: *Uma vez eu estava na Lagoa do Peri, e quando fui ao banheiro, quando voltei, vi uma capivara, e a capivara começou a me perseguir. Achei fofo, mas quando ela me viu, começou a me perseguir. Corri para o mar, entrei na água, e ela parou.*

Ian: *Quase fui atacado por uma cabra outro dia. Ela quase me deu uma cabeçada e eu quase caí num rio cheio de jacarés. Sabe, tinha uma cerca parecida com essa. Resolvi pular a cerca para provocar a cabra. Aí saí correndo e caí de costas na cerca, e ela quase me empurrou para dentro do rio.*

Hoje eu estava atrás da escola. Fui lá com meus amigos. Apareceu um lagarto gigante. Depois, quando estávamos saindo, apareceu uma cobra, mas não era venenosa. Ela quase nos picou. Saímos correndo e gritando, e entramos na escola.

Tiag : *As pessoas têm medo por causa do tamanho do boi, por causa dos chifres. Não sei, acho que elas acham o boi assustador. Porque ele fica correndo por aí.*

Eu tenho uma prima. Ela tem uns 4 anos. E ela acha que o Bernunça vai engoli-la e ela vai para outro mundo, que é só um mundo de Boi de Mamão . Tipo, só tem o Bernunça, o boi gigante, e o bode.

Eles então relataram como jogar Boi de Mamão os ajudou a lidar com esses medos.

Iara: *Uma vez fui devorada pelo bernunça. O cara dentro do boneco me puxou para dentro [gestos de intenso medo], e parecia que eu estava sendo devorada por um animal selvagem de verdade. Eu fiquei tipo, "o que está acontecendo? "*

Então eu fiquei tipo ... aí eu entrei no bernunça. Os caras me deram uma bernuncinha menor, e me disseram: olha isso, vai dançar ali. Então eu saí pela parte de trás do bernunça como se estivesse nascendo e dancei em volta como um bernunça pequenininho .

Me sinto muito feliz, muito bem. Feliz mesmo. Porque é algo coletivo que estou fazendo com meus amigos.

Gabriell: *É emocionante fazer isso, porque depois construímos os boizinhos, as coisinhas, e quando os vemos sendo apresentados, lembramos do que fizemos.*

É um jogo onde todos participaram e isso uniu toda a escola.

Bianca: *Cada um de nós tem ideias diferentes e cada um de nós pode brincar com as ideias dos nossos colegas. Temos novas experiências, vemos como é legal enfrentar nossos medos e descobrir o que nos assusta.*

Letícia: *Um dia eu estava num Boi de Mamã e estavam chamando crianças para entrar na boca do bernunça. Aí eu fui lá, entrei, e saí da boca do bernunça.*

Pergunta: E como foi isso para você?

Achei o máximo e adorei, adorei ser engolida pelo bernunça ... Já passei por muitas coisas assustadoras na minha vida e as enfrentei.

Ao construir bonecas representando coisas que lhes causavam medo e, em seguida, ao dar vida a esses bonecos, essas crianças aprenderam novas habilidades para enfrentar seus medos. Isso aconteceu, em certa medida, por causa do brinquedo, da oportunidade de vivenciar os próprios medos através da imaginação.

Valentina : *Quando as crianças fazem o Boi de Mamão como nós fizemos, elas ficam mais criativas ... Elas conseguem construir mais coisas, fazer coisas novas.*

Bianca : *Eu leio muitos livros e às vezes consigo visualizar os monstros na minha mente. Quando eu não gostava de ler, não conseguia imaginar [as coisas que me assustam]. Mas agora que adoro ler, consigo imaginar monstros, personagens, princesas, tudo isso. A imaginação é um lugar onde criamos coisas divertidas.*

É igualmente importante que esse processo seja social. Valentina falou sobre como o medo é muito pior quando ela está sozinha, ou apenas com as amigas da irmã, que são muito mais velhas e não conseguem se colocar no seu lugar. Mas quando as crianças construíram e vivenciaram seus medos juntas, elas também os superaram juntas. Essas crianças não fazem parte de grupos religiosos afro-brasileiros, mas o que elas estão abordando é o *ajó* que o candomblé tanto se esforça para alcançar.

Durante a pandemia, experimentamos uma outra forma de aplicar um princípio semelhante. Convidamos crianças de todo o país para participarem online, onde brincávamos de contar histórias — as crianças participavam de jogos para inventar uma história e seus personagens e, em seguida, transformá-los em um roteiro. Depois que as crianças assumiam seus papéis, seus pais filmavam as cenas perto de suas casas: por exemplo, se o roteiro apresentasse uma cena de perseguição na selva, pedíamos a cada família que encontrasse uma curva à direita em uma trilha na selva perto de suas casas. Cada família filmava no local que tinham achado, e editávamos o vídeo para dar a impressão de que uma criança estava correndo atrás da outra. Editávamos os diálogos da mesma forma, com dois jovens atores em cômodos semelhantes, para que parecesse que estavam conversando entre si. Foi surpreendentemente eficaz criar a ilusão de união em meio à separação.²

Como era de se esperar das crianças durante a quarentena da COVID, os roteiros que elas inventaram estavam repletos de medo e ansiedade; elas expressaram essas emoções por meio de histórias de monstros e apocalipse ambiental. Em "*O Mistério da Floresta*", uma família caminha para uma cachoeira e a encontra seca. Descobre que um monstro represou o rio. Em uma intervenção psicanalítica onírica (crianças são infinitamente criativas), o monstro conta à sua terapeuta que se criou a partir do lixo que as pessoas jogam no parque e que está agindo para se vingar daqueles que destruíram a floresta com seu lixo, poluição e desmatamento. Em uma incrível coincidência, as crianças deram ao monstro o nome de Yai: entre os Yanomami do norte do Brasil, os *yai* são os espíritos da floresta que se vingam de qualquer um que destrua a selva onde vivem. Como se pode imaginar, Iolanda — a menina escolhida para interpretar Yai — se divertiu muito fazendo a fantasia do monstro e depois encontrando um parque na imensa metrópole de São Paulo que pudesse representar a selva no roteiro.

Ao criarem e vivenciarem seus próprios medos, as crianças aprenderam a coragem necessária para encontrar o outro — o outro imaginado, o outro físico e a mistura dos dois que constitui qualquer encontro real com outro ser humano.

Outra história sobre minha filha Helena pode ajudar a explicar os mecanismos desse processo de brincadeira e medo. Quando era pequena, Helena desenvolveu um medo terrível do lobo mau. Embora só tivesse visto lobos em seus livros infantis, o lobo mau era uma espécie de símbolo para tudo que a assustava, particularmente homens grandes com barba. Como se pode imaginar, isso frequentemente causava constrangimento em público, quando ela fugia de homens barbudos gritando "*lobo mau, lobo mau!*"

² Veja Renata e os Monstros (<https://vimeo.com/610184965>) e O Mistério da Floresta (<https://vimeo.com/694160905>), bem como vários dos curtas onde os participantes comentam sobre a experiência, como <https://vimeo.com/702988029>, <https://vimeo.com/706224853>, <https://vimeo.com/704633679>, <https://vimeo.com/713455388>.

Um dia, quando Helena tinha uns dois anos e meio, Rita estava numa conferência sobre educação indígena, então Helena e eu fomos até um pequeno parque infantil perto da universidade onde o evento estava sendo realizado. Era um bairro novo para Helena: os brinquedos do parquinho eram familiares, mas os prédios ao redor e a estrada íngreme que subia a montanha davam uma sensação estranha e emocionante ao mesmo tempo. Depois de um bom tempo no balanço e algumas descidas no escorregador e no trepa-trepa, Helena apontou para a rua que descia do morro e gritou, meio brincando, meio em sério: "Lobo Mau, Lobo Mau! Esconde-te, papai!" Corremos por baixo do trepa-trepa e espiamos pelas frestas entre a escada. "Ele está vindo, papai. Olha só o tamanho dele!"

"O que o lobo está fazendo, Helena?" perguntei a ela.

"Chegando mais perto, mais perto..." Eu não conseguia dizer se ela estava realmente assustada ou apenas fingindo.

O terror nos olhos de Helena de repente se transformou em curiosidade. Ela se inclinou para a frente, com a cabeça quase para fora da proteção do parquinho. "Ele está aqui com um lobinho", disse ela. "Você acha que é o filho dele? O lobinho acaba de subir no balanço! Ele também adora balançar! Assim como eu!"

Sem hesitar, ela saiu correndo e começou a empurrar o balanço. "Ele não sabe balançar. Mas eu posso empurrá-lo." Ela empurrou o balanço vazio para frente e para trás.

Sem motivo aparente, ela correu de volta para debaixo do trepa-trepa e olhou para os lobos imaginários, pai e filho, através das grades. Depois de um tempo, ela declarou: "Ah, ele se machucou. Papai, vamos ajudar."

Após alguns minutos cuidando do lobinho invisível, Helena beijava o lobinho imaginário e dizia que ele deveria voltar a almoçar com a mamãe — exatamente o que ela queria fazer.

Nos anos seguintes, Lobinho tornou-se parte do nosso dia a dia como amigo invisível e companheiro constante de Helena. Em nossas caminhadas pelo mato, Lobinho e Helena corriam pela trilha, procurando caça. Quando ela queria fazer algo que achava que poderia ser travesso, primeiro nos contava que Lobinho tinha feito algo parecido, para testar nossas reações. Lobinho ganhou sua própria moto, o que convenceu Helena de que ela nunca queria andar de moto. Lobinho e o Lobo Mau construíram uma casa atrás da nossa — ocupando o mesmo espaço físico do nosso galpão de jardim. E talvez o mais importante, Helena não tinha mais medo do Lobo Mau — e, de modo geral, demonstrava muito menos medo do desconhecido.

Brincando de cozinhar

Muitas das conversas e documentários que surgiram do projeto Diversas evoluíram para uma discussão sobre como as pessoas brincavam na infância e como essas brincadeiras as aproximavam da natureza e de outras pessoas. Uma das formas de brincadeira de que as pessoas mais se lembravam era cozinhar — não as cozinhas em miniatura de plástico ou madeira de uma infância de classe média, mas o preparo real de alimentos em pequenas fogueiras na selva, em terrenos baldios ou à beira do rio.



Valmíria Kaingang, uma jovem mãe indígena, comparou a maneira como brincava com o que vê em seus próprios filhos, apenas vinte ou vinte e cinco anos depois.

Uma brincadeira que nós, meninas, fazíamos com bastante frequência antigamente era brincar de casinha com nossas bonecas. Dávamos um nome para cada boneca na língua Kaingang. Fingíamos ser mães — dando nomes às bonecas — e dizíamos que nossas bonecas eram primas umas das outras; já que sabíamos que todas nós éramos parentes, então nossas bonecas também eram.

Preparávamos as mesmas comidas tradicionais que nossos tios e minha avó costumavam fazer. Acendíamos uma fogueira para assar o que é conhecido como "bolo de cinzas" — um tipo de pão que assa diretamente nas cinzas. Existem várias maneiras de prepará-lo nas cinzas: você pode lavar uma folha de bananeira, embrulhar a massa dentro dela e colocá-la sob as brasas; ou, se preferir, pode fazer a massa bem firme e assá-la diretamente nas cinzas. Íamos colher as folhas comestíveis que comíamos — as que misturávamos ao bolo — buscando plantas como fuá e comí. Passávamos muito tempo brincando na mata.

Nós também brincávamos de caçar com os meninos. Eles usavam fundas ou armadilhas que eles mesmos construíam. Nós fazíamos uma fogueira para cozinhar o peixe. Nós pescávamos; espetávamos a carne que caçávamos, e ela serviria como um acompanhamento salgado para nossa refeição durante nossos jogos.

Sabíamos exatamente como lidar com o fogo para não nos queimarmos enquanto assávamos o bolo. Esperávamos até que houvesse uma boa camada de brasas, então usávamos um pedaço de pau comprido para abrir uma abertura nas cinzas onde pudéssemos colocar a massa. Colocávamos o bolo lá dentro, cobríamos com cinzas, empilhávamos as brasas incandescentes de volta por cima e deixávamos o fogo queimar como de costume.

Acredito que, para mim, uma infância verdadeiramente feliz seria aquela em que as crianças de hoje brincassem exatamente com os mesmos jogos que nós brincávamos na nossa infância.

Essa simples lembrança de uma infância feliz na selva revela várias lições muito importantes sobre a relação entre brincar e viver.

Primeiramente, costumamos ver as brincadeiras infantis como uma espécie de treinamento para a vida adulta, como se as coisas "reais" da vida só viessem depois, ou como se houvesse uma divisão rígida entre brincar e trabalhar, crianças e adultos, aprender e fazer. Na verdade, as brincadeiras das crianças indígenas brasileiras fornecem calorias reais para seus corpos — e, frequentemente, para os de suas famílias e comunidades. Grande parte da alegria das brincadeiras infantis na Amazônia acontece quando grandes grupos de crianças de diferentes idades correm para a selva em busca de frutas maduras. Elas sobem em dezenas de tipos diferentes de árvores, cada uma exigindo habilidades específicas, baseadas nas formas dos troncos, galhos e espinhos, colhem as frutas de cada uma, ensinam as crianças menores a brincar e riem durante toda a experiência. Depois, levam a comida de volta para sua aldeia e a compartilham com todos.

Na Amazônia, a colheita do açaí é a mistura paradigmática de alegria, brincadeira e alimento. As palmeiras de açaí são finas — muitas vezes com menos de 20 cm de diâmetro — e altas — cerca de 15 metros — sem galhos abaixo dos cachos de centenas de coquinhos que crescem juntos sob as folhas mais altas. Subir nas palmeiras e colher os frutos é uma das brincadeiras favoritas em qualquer comunidade amazônica, mas ao mesmo tempo tem consequências reais: a espécie de açaí mais comum é tão delicada que os adultos derrubam e destroem as árvores se subirem nelas, por isso as comunidades precisam de meninos e meninas para colher os frutos. Para alguém de fora da comunidade, isso pode ser uma experiência assustadora: a primeira vez que eu e Rita vimos crianças de seis anos escalando as árvores, ficamos embaixo das palmeiras com os braços estendidos, como se pudéssemos ampará-las quando caíssem... Essa experiência se transformou em uma correspondência por vídeo entre a turma de Helena e uma escola no Rio Negro. E na verdade, em quase duas décadas trabalhando na Amazônia, nunca ouvimos falar de uma criança que tenha caído de uma palmeira de açaí.

Em uma de nossas primeiras visitas à Amazônia, ensinamos várias meninas Baré e Tariana, de seis e sete anos, a usar a câmera de vídeo e, em seguida, sugerimos que elas se filmassem brincando. Elas levaram Helena — então com cerca de quatro anos — para um pequeno riacho na selva, mostrando-lhe todas as maneiras como pescavam peixes, camarões de água doce e lagostins. Depois de meia hora de brincadeiras na água, risadas e pescarias, voltaram com a pesca, fizeram uma fogueira e assaram a comida para toda a família. Para elas, não havia diferença entre brincar e almoçar.

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss colocou no centro de seu pensamento a distinção entre o cru e o cozido. O ato de preparar o alimento para o consumo — não apenas cozinhar, mas também cortar, salgar, defumar, temperar, colocar sobre a mesa — é o que transforma a *matéria* em *alimento*. Embora haja exceções, em geral, os humanos se distinguem dos outros animais porque preparam sua própria comida: não comemos apenas a carcaça no momento da caça. O preparo dos alimentos é um ritual que não só torna o alimento mais facilmente *digerível*, como também o torna *compreensível*.

Como muitos pais de classe média sabem, convencer as crianças a comer alimentos diferentes pode ser um desafio. (Famílias realmente pobres, onde a fome motiva as crianças de uma forma muito mais instintiva, têm uma experiência diferente.) Quando Helena era bem pequena, comia muitos alimentos diferentes, mas por volta dos seis anos de idade, tornou-se cada vez mais seletiva em relação ao que comia.

Certo dia, durante essa fase, fomos jantar com alguns amigos. Helena estava com bastante fome depois de um dia brincando ao ar livre e não sabia bem o que pensar da comida que lhe serviram: nosso amigo trabalhava com catering e adorava sabores inusitados, nenhum deles comum ao paladar de uma menina pequena. Embora Helena fosse exigente naquela época, ela nunca foi malcriada — e gostava muito do nosso amigo que estava preparando a comida. Primeiro, ela procurou algo que pudesse satisfazer sua fome. Nada. Eu a vi olhar para a despensa e para a geladeira, como se fosse pedir outra coisa. Ela sussurrou no meu ouvido: “Não gosto de nada disso.”

“Você não experimentou, e é o que temos”, respondi em um sussurro. “E você sabe que ele cozinha muito bem. Você sempre gostou da comida dele.”

Helena hesitou enquanto os quatro adultos comiam. Finalmente, ela se abaixou debaixo da cadeira para pegar sua coruja de pelúcia, um brinquedo com nome de Biliki. Encheu a colher com a nova comida, ofereceu a Biliki e fingiu que o bichinho de pelúcia se recusava a comer. Em seguida, brincou de aviãozinho — onde a colher se transforma em um aviãozinho voando de aeroporto em aeroporto antes de chegar à boca da criança (a coruja de pelúcia) — o que “convenceu” Biliki a aceitar a comida. Nesse momento, Helena colocou a comida na própria boca e descobriu que gostava. Fez o mesmo com todos os outros tipos de comida em seu prato. Depois de convencer Biliki de que a comida era boa, ela conseguiu comer quase tudo.

O jogo, então, pode servir como um ritual de “preparação” ou cozimento, através do qual o estrangeiro/selvagem/inaceitável pode ser trazido para o mundo do conforto e do lar. Vemos o mesmo processo nos Dabucuri do noroeste da Amazônia, onde grupos rivais se reúnem por dois dias de rituais e festivais para trocar artesanato, canções, ideias e comida. Como diz Rita da Silva,

Um encontro genuíno com o outro é algo realmente difícil porque coloca você em risco. Há tantas coisas que você precisa colocar na mesa, tantas coisas que você precisa se abrir e se expor para que isso aconteça. E o ritual, o Dabucuri, e provavelmente outros rituais também, criam um espaço onde isso pode acontecer com segurança.

E uma das coisas mais importantes é comer juntos, porque quando você come a comida do outro, a comida que o outro produziu, mas também a culinária, a forma como é feita, você está literalmente incorporando-a. Você a está trazendo para o seu corpo. E assim, a experiência da comida do outro proporciona essa proximidade e esse encontro.³

Quando conversamos com um adolescente de Laklânõ sobre suas brincadeiras favoritas, ele nos contou que as aventuras na selva — quando ele e seus amigos caçavam pássaros e pequenos roedores, para depois cozinhá-los e comê-los — eram alguns dos melhores momentos de sua vida. Eram, explicou ele, muito melhores do que a escola, o celular ou os videogames. “É aí que me sinto índio puro”, disse ele.

Foi a brincadeira que o realizou como pessoa.

Assim como cozinhar transforma a matéria em alimento, convertendo o outro em algo com o qual posso me identificar (e comer), a brincadeira pode trazer o outro para um círculo de “nós” com o qual posso me identificar. Bianca, de 9 anos, que ajudou a construir o Boi de Mamã na escola Armação, expressou essa ideia ainda melhor do que eu conseguiria:

Aqui na escola, várias pessoas... já chegaram a chamar várias pessoas mais morenas de outras coisas que amagou bastante elas. Não importa se você é loiro, moreno ou até mesmo tem cabelo verde, somos todos iguais e devemos ser respeitados.

Ao interagirem com pessoas que praticam bullying, são racistas ou preconceituosas, elas podem entender que somos todos iguais. Quando todos se unem, é uma diversão imensa. Junta. Explode.

É pura alegria.

³ <https://songwriterpodcast.com/maria-rezende-pedro-mann>

A gente sempre, tipo, tentou defender quando a gente via alguém. Principalmente quando a gente via, tipo, alguém chorando, a gente sempre ia perguntar, mas daí quando o motivo era esse, a gente tem raiva falar, como é que a pessoa era? Você conhece a pessoa? Você sabe de que turma que é? Pra falar com a pessoa e também tentar falar pra ela que racismo, bullying, preconceito, uma coisa muito feia e horrível de se fazer.

O pensamento europeu — e a forma como percebemos o desenvolvimento infantil — nos levou a ver o brincar como algo que as crianças fazem, uma preparação ou educação para as coisas reais da vida. O que brincar de cozinhar parece ensinar, no entanto, é que brincar é uma espécie de ritual que traz "coisas" incompreensíveis e muitas vezes assustadoras e as torna reais para nós, transformando-as em algo que podemos comer, compreender, com o qual podemos nos identificar... mas também entender e respeitar.

Ao analisarmos a polarização — um processo pelo qual aqueles que são como nós são transformados em inimigos, em "coisa " estranhas e assustadoras — devemos também observar o seu oposto: a forma como a brincadeira pode transformar esse outro assustador de volta em uma pessoa, em alguém com quem podemos nos identificar.